

EDITORIAL

Em se tratando de um periódico eletrônico, e dada a minha formação, a primeira coisa que me ocorre falar é sobre a técnica. Precisamente este modo de desvelar a realidade que os gregos chamavam de *techne*, a primeira numa escala de cinco formas que o homem pode descobrir o ente, ou seja, a totalidade do real. Falar em técnica é discutir, também, sobre a noção de progresso. Conceito polêmico, devo dizer. Na verdade não sei se acredito nesta ideia, mas como bem disse Adauto de Novaes, filósofo brasileiro: quem arrisca-se a ser contra o progresso? Impossível não questionar: há verdadeiramente um progresso humano ou tão somente um aperfeiçoamento do maquinário que nos envolve e engole? Inevitavelmente voltamos à técnica. Martin Heidegger, filósofo alemão, dizia que ninguém poderia prever as revoluções técnicas que se aproximam, mas que estas ocorreriam cada vez mais rapidamente e não seria possível detê-la em parte alguma, pois estariam presentes em todos os domínios da existência. "Já há muito tempo que superaram a vontade e a capacidade de decisão do Homem porque não são feitos por ele", disse Heidegger.

Mas afinal, por quem são feitas, então? Respondo: por um determinado espírito de nosso tempo. Vigora, na Modernidade, uma determinada forma de experimentar a realidade. Esta forma é devedora do modo técnico como existimos, pensamos, agimos ou seja, da forma como *somos* no mundo. É nesse contexto que surge, com intensidade cada vez maior, uma gama de instrumentos técnicos de todo gênero. Um destes engenhos é o OJS - Open Journal System, desenvolvido pela *Universidade British Columbia* e traduzido em português pelo IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), que o rebatizou sob a sigla SEER - Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas. Trata-se de uma plataforma de gerenciamento e publicação de revistas, inteiramente gratuito. Com o intuito de expandir e melhorar o acesso à pesquisa, o SEER auxilia em todas as etapas do processo de publicação desde a submissão dos manuscritos, passando pela avaliação, até a publicação e indexação on-line.

Tanto este Editorial como os artigos que compõem esta edição estão disponíveis ao público por conta desta ferramenta. Isso faz do SEER um exemplo maiúsculo da transformação que a leitura sofreu nos últimos tempos. O manuseio humano da maior parte da informação, sob a forma de livros, revistas, jornais está em via de se transformar em dados eletrônicos, movidos na velocidade da luz. A "informação" está disponível à todos, finalmente. O sonho de Johannes Gutenberg, inventor da imprensa no distante século XV, encontra seu vértice em ferramentas de nossa era. Na década de 90, Nicolas Negroponte, pesquisador do famoso MIT, já afirmava: "a mudança dos átomos para os bits é irrevogável e não há como detê-la". Contudo, um alerta deve ser feito. Estas engenhocas nos proporcionam, inegavelmente, acesso à uma quantidade incalculável de informações e é lugar comum a

crença de que vivemos a era da informação, do conhecimento, do progresso, contudo, podemos falar sobre uma porção de coisas fictícias e o fato de que falamos sobre elas não confirma sua existência. Todo este desenvolvimento material parece ser acompanhado de uma regressão intelectual totalmente incapaz de ser compensada. René Guenón, intelectual francês, para exemplificar a regressão supracitada, perguntou certa vez: a Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino era, em seu tempo, um manual para uso dos estudantes: onde estão hoje os estudantes capazes de aprofundá-lo e assimilá-lo? Evidentemente é necessário muito mais do que os bits de informação que podemos armazenar em nossos computadores. Toda a produção e difusão de conhecimentos está, de uma forma ou de outra, vinculada à ideia de um novo projeto social, uma sociedade diferente, mas não é o que vemos. Se durante o último milênio, especialmente nos últimos dois séculos, a civilização Ocidental demonstrou enorme eficiência no campo das inovações tecnológicas, não podemos reivindicar o mesmo poder de transformação no domínio social. Produzimos e somos capazes de dar vazão a um fluxo contínuo de informação, mas é preciso ir além. Informação não é saber. Tecnologia não é saber. A perspectiva grega faz sentido agora. A técnica não passa do primeiro modo de descobrimento numa escala que vai até a noção de *nous*, termo que os gregos designavam a inteligência plena. É preciso reconhecer a insuficiência da técnica, o lugar da tecnologia e ir além. Minha intenção, neste Editorial, não é condenar ou rejeitar pura e simplesmente a técnica. Seria um mal-entendido. Não se trata, também, de pregar um retorno à Idade Média ou mesmo à Idade da Pedra, o que seria ridículo, mas compreender a necessidade de aprimorarmos certas qualidades e habilidades que devem andar de mãos-dadas com o progresso tecnológico supracitado. A enorme capacidade de transmitir, processar e armazenar informação que recursos como o SEER nos trazem, bem como as potencialidades comunicativas destas novas tecnologias, faz com que exista uma demanda sobre como se deve tratar, selecionar e absorver os conteúdos disponibilizados. Talvez ainda mais do que uma demanda, trazem consigo uma responsabilidade social inédita ao pesquisador: transformar essa farta disponibilidade de informação, dando-lhe caráter de um saber, este sim, capaz de transformar a situação humana.

João Cardoso de Castro
Filósofo e professor do UNIFESO